

# A DESVALORIZAÇÃO DO IDOSO FRENTE AO MERCADO DE TRABALHO

Karina Dondoni<sup>1</sup>  
Claudia Waltrick Machado Barbosa<sup>2</sup>

## RESUMO

Neste artigo, faremos uma reflexão a respeito da desvalorização do idoso frente ao mercado de trabalho. Nele, analisaremos como esta desvalorização acontece e ao mesmo tempo procurando expor considerações sobre o processo de envelhecimento da figura do idoso; sua participação no mercado de trabalho, trazendo novas possibilidades de inserção do mesmo desafiando suas limitações físicas, psíquicas e sociais, próprias à idade que muitas vezes no interior deste mercado veloz, incerto e complexo produz importantes problemas emocionais quando o idoso não se sente útil, valorizado ou importante. Concluimos que o idoso precisa de acolhimento, com o uso da paciência; além disso, pode oferecer enormes ganhos direto ou indiretamente para a sociedade por causa de sua história de vida, que é ímpar. Por isso mesmo, a psicologia do envelhecimento sugere que este indivíduo se renova, através do processo da ressignificação daquilo que lhe causa tanto sofrimento, neste caso, a desvalorização frente ao mercado de trabalho no cenário atual.

**Palavras-chaves:** Desvalorização. Idoso. Mercado de trabalho.

## THE DEVALUATION OF THE ELDERLY FRONT TO THE WORK MARKET

### ABSTRACT

In this article, we will reflect on the devaluation of the elderly in relation to the labor market. In it, we analyze how this devaluation happens and at the same time trying to expose considerations about the aging process of the elderly figure; their participation in the labor market, bringing new possibilities of insertion of the same challenging their physical, psychic and social limitations, proper to the age that often inside this fast, uncertain and complex market produces important emotional problems when the elderly does not feel useful, valued or important. We conclude that the elderly need to be accommodated, with the use of patience; in addition, it can offer huge gains directly or indirectly to society because of its life history, which is odd. For this reason, the psychology of aging suggests that this individual is renewed, through the process of the re-signification of what causes him so much suffering, in this case, the devaluation against the labor market in the current scenario.

**Keywords:** Devaluation. Old man. Job market.

---

<sup>1</sup> Aluna da 10ª fase do curso de Psicologia do Centro Universitário UNIFACVEST.

<sup>2</sup> Psicóloga e Pedagoga pelo Centro Universitário UNIFACVEST; especialista em Psicoterapia Familiar e de Casais pela Unidade de Ensino Superior Vale do Iguaçu; especialista em Didática do Ensino Superior – EAD, pelo Centro Universitário UNIFACVEST; mestre em Educação. Professora no Centro Universitário UNIFACVEST.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo trazer uma reflexão atual sobre a desvalorização do idoso frente ao mercado de trabalho e suas implicações emocionais mediante a proatividade. Perante a experiência do estágio realizado no asilo Vicentino, em Lages, Santa Catarina, este assunto surgiu como bem importante, porque foi possível ver na prática que a realidade é muito chocante. Igualmente, as possibilidades de um estudo mais detalhado do que acontece ajuda na compreensão das ocorrências e percepção disto.

Este idoso, devido ao aumento da expectativa de vida da população mundial e, dentro do contexto dos brasileiros e a baixa taxa de natalidade, só tende a crescer a quantidade – o que pode gerar problemas emocionais. De fato, o estatuto do idoso no Brasil protege os direitos dos mais idosos, mas, há alta precariedade de cuidados para esta pessoa. Nisso, a experiência de uma vida inteira é traduzida numa crescente desvalorização por parte da sociedade, apesar do processo de envelhecer ser natural. Mostrar como acontece a desvalorização do idoso na atualidade brasileira revelou de enorme valia, pois é tema atual. Assim, especificamente, expomos as principais maneiras de descrédito da pessoa idosa mediante a sociedade. Também, o artigo procurou analisar o mercado de trabalho frente à empregabilidade da pessoa idosa, bem como a identificação das consequências emocionais da proatividade na terceira idade e o que disso é possível prestar mais atenção.

Neste artigo foram identificados que, as tecnologias modernas de relacionamentos, a própria indiferença dos familiares e os fatores de saúde contribuem para desvalorizá-lo e explicar a importância dessas ocorrências, problematizando estes termos é um ponto decisivo para esta pesquisa. Os autores Calixtre, Biancarelli e Cintra (2014) revelam que em virtude do aumento da expectativa de vida dos idosos, tal como a questão das leis que protegem o idoso, esse tema tem levantado inúmeras possibilidades de problematizações, desafiando a compreensão da pessoa da terceira idade.

Seguindo essa linha de pensamento, conforme Papalia e Feldman (2013), a saúde da pessoa da terceira idade deve ser levada em conta por vários fatores, ou seja, físicos, em primeiro lugar; os psíquicos e, ampliando a visão, na questão da socialização destes. Por causa disso, a desvalorização é mais nítida, do ponto de vista do mercado de trabalho absorver, ultimamente, apenas os mais fortes, os mais sociáveis, e àqueles de cognitivo melhor. Isso, em si, já é desvalorizar o idoso, pois revela potencialidades que possivelmente o depreciam.

Lima e Delgado (2010) discorreram que, apesar disso, este mesmo idoso tem possibilidades de inserções no mercado de trabalho e Sá e colaboradores (2010), Monte e Monte e Santiago (2015) trazem o fator oportunidade, isto é, desde que tenham, eles podem ser proativos e bem espertos por causa de sua experiência de vida. Um passo valioso.

Portanto, este artigo surgiu como uma busca, no sentido de trazer à tona a análise dos fatores atuais que sugerem que o idoso de hoje está cada vez mais desvalorizado pelos familiares, amigos, deixados em asilos – longe do mercado de trabalho. Na visão de Bentes, Pedroso e Maciel (2012) eles, quando em outros tempos fazia tudo pelo cronograma de suas experiências, ultimamente a realidade é mais cruel, pois se trata de um novo mundo, onde tudo é veloz, incerto e complexo para eles, tendo que se adequar readequar constante até em virtude de suas limitações físicas, psíquicas e sociais.

Conforme Dátilo e Cordeiro (2015), atualmente, por isso cabem compreensão maior dos desafios em questões de saúde, relacionamento e demais fatores tão relacionados para esta população. Trata-se de um grande desafio, uma vez que a literatura é escassa, conforme Antunes e Moré (2015). Também, foi importante verificar que a questão das principais maneiras de como isso ocorre e, analisando o mercado de trabalho mediante a empregabilidade destes, segundo Camarano (2004), Coutrim (2006), bem como, os estudos de Junior *et al.* (2009) e outros esclareceram pontos importantes na figura do idoso, dentro deste contexto. Nesse caminho, desde o idoso, sendo apresentado como alguém com experiência de vida, ou seja, abrangendo seu panorama e as influências que reduzem as capacidades destes seguindo o pensamento de Papalia e Feldman (2013), Figueiredo e Moser (2013), mostraram desafio grande e importante que é está imerso na sociedade.

A parte do mercado de trabalho e a terceira idade revelaram que as possibilidades de reinserção do idoso no mercado de trabalho, o quanto isso é possível, são cruciais. Acontece que, segundo Villar e Da Rosa (2013) e Silva, Novais e Santos (2017) é um caminho que conduz invariavelmente às sequelas emocionais por causa da proatividade. Nesse sentido, vale citar as considerações que a sociedade não leva em voga, visto que são idosos e não mais tão produtivos, do ponto de vista capitalista.

Segundo o que foi mencionado antes, de acordo com Papalia e Fedman (2013) e os estudos de Carrera-Fernandez e Menezes (2001) se o idoso não é mais ativo ele tem mais chances de desenvolver problemas emocionais e, ao mesmo tempo, reduzir o tempo de sua qualidade de vida. Silva, Novais e Santos (2017) ensinaram que a falta de valorização pode trazer sérias consequências emocionais para a terceira idade. Para Gonçalves (2015), o idoso atualmente é cada vez mais pressionado por diversas questões a reinserirem-se no mercado de

trabalho, forçando a este muitas vezes não saber lidar com estas alterações de rotina de sua vida. Diante dessa problemática, é importante questionar: A desvalorização do idoso frente ao mercado de trabalho pode causar problemas emocionais? Visando responder a este questionamento este artigo tem como objetivo fazer uso de uma reflexão sobre esta desvalorização constante da figura do idoso.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo é uma pesquisa bibliográfica. No seu conceito original, Marconi e Lakatos (2003, p. 158) informam que

É um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema. O estudo da literatura pertinente pode ajudar a planificação do trabalho, evitar publicações e certos erros, e representa uma fonte indispensável de informações, podendo até orientar as indagações (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 158).

Este trabalho foi elaborado por meio de uma revisão integrativa, método preconizado por Cooper, que se fundamenta em coletar dados disponíveis na literatura e compará-los para aprofundar o conhecimento do tema investigado (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

Esta pesquisa, na área da psicologia, foi construída a partir de estudos bibliográficos, através de consulta, em livros, artigos, periódicos, revistas, sites. A coleta de dados foi realizada por meio de consulta a publicações de autores de referência na área e posterior leitura crítica dos títulos e dos resumos. Como critérios de inclusão das referências bibliográficas, foram utilizados também trabalhos publicados nos idiomas português nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), no período de 2001-2017, com resumos disponíveis nos bancos de dados informatizados selecionados e texto disponível na íntegra na internet ou que pode ser fornecido pela fonte original. Foram definidos os seguintes descritores para busca bibliográfica: Desvalorização. Idoso. Mercado de trabalho. Finalizada a leitura dos títulos e resumos, textos foram selecionados para serem lidos na íntegra. Para categorização dos trabalhos. Aspectos éticos Todas as produções utilizadas neste trabalho serão devidamente referenciadas conforme normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Resolvemos organizar, em ordem, a princípio, trazendo a literatura sobre o idoso em um capítulo completo, apresentando-o. O segundo, enfocando a parte da desvalorização deste frente ao mercado de trabalho; e, no terceiro capítulo, a partir da literatura, as possibilidades de

reinserção do idoso no mercado de trabalho expondo considerações pertinentes. Tudo isto, para esclarecer tais objetivos sempre em diferentes informações da bibliografia específica.

## DISCUSSÃO

### O Idoso

Perceber a pessoa idosa, “para a Psicologia [...] se faz imprescindível, uma vez que [...] tem uma expectativa de vida cada vez mais longa” (ALVES *et al.*, 2011, p. 200). Logo, discutir a respeito do idoso é necessário entender que este é “uma pessoa com uma vivência apresentada em muitos anos; [...] são as pessoas com 60 anos ou mais” (DOURADO; LEIBING, 2002 *apud* SAINTRAIN; GONDIN; SILVA, 2014, p. 109).

Na visão de Bodner (2009 *apud* Papalia e Feldman, 2013, p. 572) “relatos sobre idosos que atingem idades avançadas aparecem com frequência na mídia; [...] os idosos são cada vez menos retratados como pessoas decrépitas e desamparadas”. Frente a isso, a esperança para que esses possam ser objetos de qualidade de vida em questão como “indivíduos equilibrados, respeitados e sábios, mudança que pode ser importante na redução dos estereótipos negativos sobre eles”. Como resultado, é possível causar bastantes impactos, principalmente no que diz respeito ao seu valorizar, à sua saúde e ao momento da chegada terceira idade.

Contudo, estão desvalorizados, bem esquecidos. Isso porque cada dia estão sendo deixados para trás, em segundo plano. Sua importância é secundária, pois estão diante de um mercado veloz, incerto e complexo. E trazendo para o contexto atual “pessoas idosas estão mais relacionadas a uma cultura que as desvaloriza e limita” (BRASIL, 2007, p. 9). E nesse sentido, o preconceito ronda o idoso, inibindo suas potenciais habilidades. E outra, o estilo de vida pode contribuir para surgimento de dois tipos principais de formas de envelhecer. Primeiro tem o envelhecimento primário e depois o envelhecimento secundário<sup>3</sup>, que são os processos graduais e que surgirão na vida destas pessoas principalmente os mais idosos (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

---

<sup>3</sup> Tem a ver com as questões da saúde física e os seus hábitos de vida cotidiana. Já o envelhecimento primário, antes disso, é desenvolvido, mesmo contra a vontade da pessoa. Assim, os cientistas estudam, apesar da dificuldade em admitir os fatores individuais de cada sujeito, para melhor compreensão do que seria o idoso; até termos como '**idoso jovem**', 'idoso' ou '**idoso mais velho**', são pertinentes ao estudo científico, mas, não é tão simples de serem explicados, porque somam a isso a cultura, a questão financeira, os hábitos de vida e o conjunto familiar destas pessoas idosas (PAPALIA; FELDMAN, 2013, grifo nosso).

Nesse sentido, Figueiredo e Moser (2013, p. 3) revelaram que “o envelhecimento, como processo multidimensional num todo, integra as mudanças associadas com a passagem do tempo e que [...] alteram a capacitação funcional individual do idoso”. Tem a ver que por causa das constantes alterações de seu funcionamento fisiológico, os próprios familiares são tidos como primeiros auxiliares nesse processo, mas torna a relação desgastante, um fardo com incompreensões<sup>4</sup> para com a figura do idoso. Se bem que cada idoso é singular, único.

Para Papalia e Feldman (2013), isso concorre relativamente a questões de saber precisamente aquilo que seria a idade funcional – já que se trata de um público bem peculiar, que deve ser encarado como alguém frágil, em sentido físico do termo, a idade funcional, por vezes é tida como de pessoa para pessoa<sup>5</sup>, ou seja, ela está na capacidade de a pessoa interagir com os outros ao seu redor. É importante que o leitor saiba que o idoso tem toda uma gama de consequências psicológicas, modificações de suas relações e principalmente serem frutos de grandes cobranças por parte dos familiares, amigos. Em termos biológicos, “o organismo do [...] idoso apresenta [...] consequências psicológicas: determinadas condutas [...] consideradas típicas da idade [...] como todas as situações humanas”. E, “[...] modifica a relação [...] no tempo e [...] seu relacionamento com [...] a sociedade que pertence” (BEAUVOIR, 1976, p. 13 *apud* DÁTILLO; CORDEIRO, 2015, p. 73).

Isso porque o desenvolvimento físico do idoso, a longevidade e envelhecimento, por vezes, surpreendem os familiares, os amigos e a sociedade por causa de que ele está vivendo mais e está mais ocupado fazendo reinvenção de sua vida apesar das rugas e do excesso de esquecimento da memória. Mas, isso é aceitável e natural, pois mostra a fisiologia corporal funcionando. Tem a ver mesmo aos fatores que contribuem para a expectativa de vida, a aceitação de que doenças podem aparecer; por outro lado, bem importante é que a falta de exercício é grave condutor para o aparecimento das doenças, e da redução da expectativa de vida dele. É interessante notar que, para as mulheres a expectativa é superior à dos homens se tem acentuada assistência de saúde. Então, nesta via homens e mulheres, a questão dos excessos contribui para constante exposição à doença e atinge mais os homens, deixando eles mais propensos a redução de sua expectativa de vida (PAPALIA; FELDMAN, 2013; ZIMMERMAN, 2000 *apud* LIMA; DELGADO, 2010).

---

<sup>4</sup> Assim, para Neri (2001 *apud* Alves *et al.*, 2011, p. 203) diz respeito a uma “fase de ‘sensibilidade social para a velhice’ na qual, o Brasil se encontra”.

<sup>5</sup> É possível ter pessoas idosas em corpos de pessoas novas, jovens, como igualmente ter pessoas jovens, e ao mesmo tempo, pessoas novíssimas em corpos idosos, ou seja, de 65, 76 ou 94 anos, bem mais ativa na sociedade, sendo a idade mental bem superior, apesar da idade cronológica. Logo, fazem com que eles tenham maior independência quanto a atividades simples como andar a pé, dirigir carros, fazer compras nos supermercados, irem ao barbeiro ou pagar contas (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Perante isso, por causa de que mudanças físicas no idoso são sinais de que o corpo está diferente e ocorreram alterações na parte física, psíquica e comportamental. Ainda, as transformações orgânicas e sistêmicas variam de idoso para idoso, revelando que as probabilidades de ocorrerem acidentes só aumentam e, por causa disso, a atenção é redobrada. Aqui, existe capacidade de reserva que serve para o organismo em casos de lidar com as alterações corpóreas; e ela surge para auxiliar o idoso em seu corpo; talvez, realizar esportes e ter uma vida ativa. Mas, ainda não é o bastante porque o risco de desnutrição é alto se praticado em excesso; assim, apesar de ficarem ativos, com o tempo podem conduzir os idosos para hospitais e atrapalhar a sua rotina diária (FIGUEIREDO; MOSER, 2013).

No sujeito idoso, os problemas comportamentais bem como os mentais surgem por causa da atividade cognitiva declinada e, sobretudo, falta de atividade física, deixando-os vulneráveis para o desenvolvimento da depressão, da demência, do mal de Alzheimer – o que é comum esta aparição. Por causa disso, os problemas de intoxicação medicamentosa e ferimentos em casa e problemas de alcoolismo indica ser resultado da falta de apoio e de serviços de qualidade. Sobre depressão, um diagnóstico preciso; o prognóstico com um profissional qualificado também; com efeito, tornará a rotina do idoso menos sofrida e mais de qualidade. Já a demência é declínio comportamental e cognitivo de origem fisiológica e sugere ser associada ao mal de Alzheimer, fechando dois terços dos casos. Outro é o mal de Parkinson que surge porque é visível a postura instável e os tremores dos membros superiores, mãos e cabeça, os movimentos lentos de outras partes do corpo, pernas para caminhar, explicitando a doença<sup>6</sup> que atrapalha a vida do idoso (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

E segundo Figueiredo e Moser (2013), além disso, tem toda uma gama de fatores que acompanham o idoso. É possível citar questões de capacidade mental, locomotora, a personalidade, e outras. Em paralelo, o risco de aparecerem doenças mentais é grande porque o emocional do idoso é bem fértil uma vez que alguns deles têm empatia, acolhimentos bem sensíveis. Na verdade, é visível quando existe a desvalorização do meio familiar, do próprio corpo, da sociedade, por sua ineficácia não se ajustando ativamente com suas forças e capacidades cognitivas, físicas e sociais.

Já quanto aos aspectos de desenvolvimento cognitivo, consta um papel positivo e negativo. Algumas habilidades tidas na idade adulta jovem como a capacidade de processar informações com mais rapidez decai por ser indicativo de que pode estar relacionada com o não

---

<sup>6</sup> A doença traz um fator de emocional de regressão, no sentido de acentuar sentimentos de fragilidade, insegurança e dependência. O estado de doença acarreta repercussões psíquicas como, preocupações, angústias, medos e alterações na autoimagem (FREITAS *et al.*, 2006 *apud* LIMA; DELGADO, 2010).

se está engajado em alguma atividade do dia a dia, isso é negativo. O positivo é que podem desenvolver habilidades. Ou seja, para auxiliar em diferentes tarefas contribui para que as estratégias de enfrentamento criem memórias<sup>7</sup> e faça escolha positiva para ele. Logo, isso se junta ao fator de eles serem mais bem-humorados levando 'na esportiva' os pequenos percalços de sua rotina com um humor para as situações práticas de sua vida (LIMA; DELGADO, 2010).

Diante disso, a memória nos idosos tanto de curto ou longo prazo está em diferentes sintonias nesta fase da vida. A de curto prazo, além de não ter facilidade para ser multi, é auxiliado pelo processo da memória sensorial, aquela memória que auxilia nas tarefas do dia a dia como reorganizar fila de objetos em sua casa, por causa da repetição com o tempo, é preservada. A de longo prazo, por falta de concentração, o torna mais vulneráveis aos esquecimentos. Em função de história de vida, eles têm tendência a serem mais ativos no processo da memória (longo e curto prazo) se houver impacto positivo e significativo<sup>8</sup> na vivência. Também, é auxiliado pela memória semântica, isto é, colaboradora de suas boas histórias de vida para com os outros. A articulação com a linguagem, podendo ser reajustada se estimulada corretamente. Na prática, a memória<sup>9</sup> faz com que a atividade de andar de bicicleta seja bem proveitosa com a ajuda da memória de procedimento, automaticamente. Portanto, os tipos de memórias aqui se referem ao terreno mental que tem no idoso para que ele possa, perante o outro, ajustar-se diariamente frente demandas cotidianas (LIMA; DELGADO, 2010).

Por isso mesmo, é importante mencionar que as alterações neurológicas estão em sua rotina de vida, desde a parte da velocidade de processar informação vinda de um parente, onde múltiplas áreas da estrutura cerebral não são reorganizadas. Com efeito, torna-se objeto de uma falha que atrapalha o idoso. E o mal de Alzheimer faz com que as memórias referidas atinjam o cérebro, deixando-o vulnerável para que o corpo padeça carência por faltas de adequados comandos operacionais. Nisso, os lobos frontais e hipocampo, prioritariamente. Sendo que os primeiros trabalham tentando recordar o ocorrido recentemente, entrando falhas em entender e ficar focado naquilo que dizem para eles. Como resultado, se cria desatenção para outro lugar ou fazendo próprias criações de sua mente, logo, fazendo as falsas memórias. O segundo, o hipocampo, ajuda na questão de receber o que de novo existe para si, as maneiras de interpretar

---

<sup>7</sup> “O processo pelo qual, experiências anteriores levam à alteração do comportamento. Memória envolve múltiplos sistemas de processamento de informação, os quais dependem do funcionamento de [...] estruturas cerebrais atuando de forma integrada, em maior ou menor grau, conforme o tipo de processamento” (DÁTILLO; CORDEIRO, 2015, p. 113).

<sup>8</sup> “estudos constataram que adultos mais velhos são motivados a preservar memórias que tenham um significado emocional positivo para eles” (CARSTENSEN; MIKELS, 2005 *apud* PAPALIA; FEDLMAN, 2013, p. 600).

<sup>9</sup> Baddeley (2004 *apud* Dátilo e Cordeiro, 2015, p. 113) ensina que o nome memória “não é uma única habilidade ou função, mas uma combinação de subsistemas, o que indica a existência de vários tipos de memória”.

o mundo a sua volta usa o psicofisiológico para que o cérebro procure em outras áreas do próprio corpo as tentativas de se ajustar ao processo (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

### **Algumas influências que diminuem as capacidades do idoso**

Hoje, “percebe-se que o idoso, dependendo da época, cultura, políticas públicas, contexto social, mesmo que já tenha exercido diferentes papéis, nem sempre tem recebido o respeito e o valor adequados” (UCHOA, 2006; BORGES, 2005; ARAUJO; COUTINHO, SANTOS, 2006; NERI, 2001 *apud* DÁTILLO; CORDEIRO, 2015, p. 47). Em função disso, os amigos são reduzidos, os empregos antigos já não são os mesmos. Isso pode ser porque a vulnerabilidade o rodeia todo dia. Além disso, familiares levando os idosos – por causa da falta de paciência com os eles, resultado de conflitos, onde os vínculos são enfraquecidos e rompidos – para Instituições de Longa Permanência.

Bentes, Pedroso e Maciel (2012) descobriram que o pouco interesse familiar, as constantes esquivas para cuidarem dos idosos, não dando atenção, faz com que a desvalorização fique bem nítida; estas dificuldades ocorrem caso a caso; e deixando para os asilos fazerem estas tarefas e isso contribui muito para desqualificá-lo na sociedade, num mundo de muita mudança em aspectos variados; por exemplo, tecnológico, mercado de trabalho e pressa para resolver os problemas do cotidiano.

Segundo Figueiredo e Moser (2013), fator associado à permanência dos idosos no asilo é a falta de disponibilidade da família para cuidar do idoso, ou abandono<sup>10</sup> devido à presença de conflitos familiares. Aqui é visível que o idoso é posto de lado porque não é produtivo, está cansado e lento para fazer suas atividades.

Para Saldanha, Araújo e Felix (2006 *apud* Dátilo e Cordeiro, 2015, p. 50) “no Brasil existem pesquisas que mostram como os próprios idosos concebem o envelhecimento humano muitas vezes, a partir das perdas, representando um processo com visão desfavorável, estereotipada e preconceituosa”. É indicativo de que é efeito da falta de segurança, paciência e da própria visão que eles, os idosos, tem dos parentes, amigos e daqueles que são seus cuidadores e que são os que podem ajudá-los. Há certas indiferenças que favorecem tal ato.

---

<sup>10</sup> Quando o idoso não tem apoio psicológico, do afeto mesmo, procurando deixá-lo com o sentimento de pertencimento, os desajustes por parte dos familiares dificilmente são toleráveis. Acarreta desgaste da relação de filhos e pais, onde os filhos fazem o papel de responsáveis pelos pais, que outrora eram seus responsáveis e isso concorre para inadaptação do idoso na família e a convivência torna-se labuta grande (BENTES; PEDROSO; MACIEL, 2012).

Nisso, é ambiente inédito porque o número de idosos será maior do que o de jovens, nos próximos 30 anos. E o Brasil<sup>11</sup> não é mais um país jovem. Houve mudanças tornando país idoso, pois “em ritmo acelerado, implica em adequação dos recursos de infraestrutura humana e material para atender às demandas sociais, sanitárias, econômicas e afetivas de uma população que, segundo se estima, chegará a 32 milhões de pessoas em 2025” (MORAES, 2012 *apud* SAINTRAIN; GONDIM; SILVA, 2014, p. 23).

Nesta velocidade, “o envelhecimento<sup>12</sup> populacional é uma resposta à mudança de alguns indicadores de saúde, especialmente a queda da fecundidade e da mortalidade e o aumento da esperança de vida” (BRASIL, 2007, p. 8). O que abarca “os três principais domínios do desenvolvimento são o físico, o cognitivo e o psicossocial. Cada um deles afeta os demais” (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 52). Sugere preocupação desta alteração da sociedade frente ao idoso em entender o biopsicossocial envolvido.

Especificamente no estado de Santa Catarina em 2010, havia 646.913 pessoas acima de 60 anos, sendo que 295.131 eram homens e 351.782 eram mulheres, ou seja, 54,3% da população idosa eram mulheres e 45,7% eram homens. Na cidade de Lages, Santa Catarina, segundo os mesmos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE<sup>13</sup>), em 2010, havia um total de 18.006 pessoas acima de 60 anos, dentre as quais, 10.165 eram mulheres e 7.841 eram homens, uma população de 56,4% de mulheres no município serrano.

Conforme Saintrain, Gondim e Silva (2014, p. 36) foi só em 1994 que apareceu a primeira política pública que protege o idoso, isto é, a lei 8.842/94<sup>14</sup>, de 4 de janeiro de 1994. Isso mostrou o quanto de tempo levou o país para começar a se preocupar, em termos legais e de proteção aos idosos. E, depois desta criação surgiram muitas legislações referentes à atenção e a saúde do idoso. Em 1994, com a política nacional do idoso, em 1996, também; em 1999, uma portaria nº 1.395/99 que estabelecia que os órgãos do ministério da saúde estivessem de

---

<sup>11</sup> No Brasil, a Secretaria de Desenvolvimento Humano – SDH estima que existe hoje 23,5 milhões de pessoas com idade superior a 60 anos, representando, em relação ao ano de 1991, quase o triplo de 10,7 milhões de pessoas. Ainda assim, os números são assustadores porque revelaram que, numa comparação de dois anos, ou seja, 2009 (última pesquisa divulgada) e 2011, 7,6% foi o aumento registrado, chegando a bater a casa dos mais de 1,8 milhão de pessoas. Isso porque Há dois anos, eram 21,7 milhões de pessoas. Os números denunciam uma realidade do processo de envelhecimento gradual e mais rápido da população brasileira. Portanto, o aumento do número de idosos no Brasil trouxe transformações demográficas, sociais, econômicas, biológicas e culturais. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br>> Acesso em: 13/set/2018.

<sup>12</sup> Papalia e Feldman (2013, p. 572) revelaram que “a população global está envelhecendo. Em 2008, quase 56 milhões de pessoas no mundo tinham 65 anos ou mais, e o incremento anual líquido é de mais de 870 mil por mês. Até 2040, projeta-se uma população total dessa faixa etária de 1,3 bilhão”.

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 10/out/2018.

<sup>14</sup> Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>> Acesso em: 15/out/2018.

acordo com as políticas dos anos citados; em 2002 surgiram critérios para a atenção básica com a portaria 702/2002.

Foram legislações<sup>15</sup> que a exemplo da Política de Saúde do Idoso trouxe como inovação o foco na manutenção da capacidade funcional e no envelhecimento saudável. Logo, a manutenção das habilidades físicas e mentais necessárias para uma vida independente e autônoma (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2005 *apud* SAINTRAIN; GONDIN; SILVA, 2014, p. 38). Aqui já é interessante notar conquista frente à desvalorização do idoso.

### **O mercado de trabalho e o idoso: a desvalorização**

Nesta temática, o mercado de trabalho entende-se como força de sobrevivência para a população. O século XXI quer pessoas capacitadas. Portanto, a formalização de empregos nos espaços ocupacionais preencheu parte do foco empregatício. A despeito do que funcionava antes se precisa reforma. Neste intuito, filtra-se a força de trabalho (COUTRIM, 2006). Aqui, “[...] o roteiro da exclusão<sup>16</sup> do idoso no contexto urbano teve início com o advento do capitalismo, no qual o sujeito passa a ser definido pela função que exerce no mundo do trabalho” (BERLEZI, 2003 *apud* BRACIALI, 2009).

Frente a isso, é efeito dos processos de mudanças que, para dar assistência e escolher os mais aptos, remodelou-se<sup>17</sup> e se ajustou setorialmente (comércio, setor informal, indústria). Depois, a questão física de agilidade adequando-se à produtividade e, na parte da saúde sobressaiu-se. Como resultado, o idoso foi posto à parte porque as pontuais perdas citadas (psicológicas, saúde física) vieram à tona.

Apesar disso, Coutrim (2006) identificou que o idoso está habilitado a ser fonte, por si só, de fazer com que sua estabilidade sensorial de relação interpessoal permaneça ativa, na atuação trabalhista. Também, o idoso está presente em quanti e qualidades superiores das gerações passadas, sustentando a família. Outra: submetidos aos problemas do mercado de

---

<sup>15</sup> A grande novidade foi em 2003, com o estatuto do idoso, pela lei número 10.741/2003, de 1º de outubro de 2003, onde regulava os **direitos da pessoa idosa** e no campo da saúde fazia com que ela estivesse protegida na saúde, pelo sistema único de saúde (SUS). Em 2006 houve a criação de marcos regulatório, pelas portarias 399/2006 e 2.528 do mesmo ano que priorizava ainda mais o idoso. Os anos mais produtivos para proteção desta população. Isso porque **precisava se ajustar ao crescente número de idosos** no país (BRASIL, 1998; 2003; 2006 *apud* SAINTRAIN; GONDIN; SILVA, 2014; BRACIALI, 2009, grifo nosso).

<sup>16</sup> “vivemos num momento histórico em que velhos são rejeitados por não serem mais considerados produtores [...]” (BASTOS; BORGES-ANDRADE; ZANELLI, 2004 *apud* JUNIOR *et al.*, 2009, p. 430). Sugere pertinência, esta descoberta e ajuda pensar para questões de alteração contextual envolvendo a desvalorização do idoso.

<sup>17</sup> Na prática, revelou-se “problemas de emprego e sociais criados pela reestruturação produtiva em um contexto de baixo crescimento e o aumento da expectativa de vida e seus efeitos sobre a demanda por proteção social, em especial para os idosos” (CALIXTRE; BIANCARELLI; CINTRA, 2014, p. 412).

trabalho que limitam sua atividade e apesar de pouca força de vigor física, conseguem empregar-se, estabilizar-se, desde que o mercado ajuste qualidade e estimule de seu empenho.

Antes disso, no início do século XXI aconteceu significativo avanço na participação mercadológica e financeira dos idosos frente à questão da sobrevivência, apesar da chegada de melhores tecnologias. Era esperado que fossem resguardados pela constituição e pelo estatuto do idoso e tivessem maior adequação e proteção. Acontece que, o período fértil da sociedade que é focado só na parte dos que estão entre os 20 até 60 anos, o cenário filtrou e fez com que as forças de trabalho dos idosos fossem desfocadas, deixando-os mais desvalorizados, e preferindo<sup>18</sup> o trabalho dos mais jovens (CARRERA-FERNANDEZ; MENEZES, 2001, MOURA; CUNHA, 2010 *apud* ROSA, 2015).

Isso pode explicar o porquê de “[...] hoje em dia o mercado de trabalho não compreende como utilizar as capacidades dessas pessoas com idade mais avançada, apesar de elas desejarem permanecer como seres produtivos” (PESSOA, 2006 *apud* JUNIOR *et al.*, 2009, p. 430-1). Se bem que as habilidades e sabedorias nesta força de trabalho que, em seu reciclar constante, de adequação na parte física e psicológica, indicaria não desvalorizar; porém, pouca atenção para “à absorção de um contingente crescente de mão-de-obra idosa, com níveis de escolaridade inferiores ao da média populacional, de qualificação; [...] mas aproveitando-se [...] vantagens comparativas oferecidas pela maturidade” (CAMARANO, 2004, p. 479-80).

Seja na área de serviços urbanos, como no meio rural, por causa do pouco que os idosos poderiam contribuir neste tempo e que muitos se dedicaram ao trabalho sem registro, os números de uma pesquisa feita foi uma predominância de 53%, no começo do século XXI, no Brasil – não sendo atrativos pra o mercado de trabalho (WAJNMAN; DE OLIVEIRA; OLIVEIRA, *in*. CAMARANO, 2004; DA SILVA; XAVIER, 2012; MOTTA, 2009 *apud* GONÇALVES, 2015).

Diante disso, Camarano (2004) instrui que a geração atual dos idosos está submetida a grande reforma em seu modo de viver ligada a palavra “adequação”. E se não se adequar, desvalorizará. Logo, perde-se grande força de sabedoria, de vivência, mas, por ser um mercado de trabalho bem competitivo, tem-se que “o crescimento da população idosa pode acarretar um peso sobre a população jovem e o custo de sustentá-la vir a constituir uma ameaça ao futuro das nações” (CAMARANO, 2004, p. 588).

Com este constatar, a terceira idade vem a ser uma forma de consumo para os que dela se beneficiam em termos de gastos, dadas à sua aposentadoria, à prática midiática de qualidade

---

<sup>18</sup> Segundo Bosi (2001, p. 76 *apud* Junior *et al.*, 2009, p. 430) “os idosos são postos à margem ao cumprirem a sua função – preparar e treinar aqueles que irão substituí-los, muitas vezes superando-os”.

de vida. Para o mercado de trabalho, é lucro; mas, automaticamente desvaloriza o idoso porque se torna objeto de consumo, ponto. O que poderia ser uma etapa da vida que é pra ser vivida como saudável e que daria valorização genuína, tornar-se grande nicho de mercado (DA SILVA; XAVIER, 2012).

E a taxa populacional no Brasil trouxe mudança no cenário mercadológico por causa da trajetória de vida dos idosos. Por exemplo, uns tendem a serem marcados pelas etapas de experimentar a vida com diversão e viagens, porém, há outros que lutam para sobreviverem. Aqui, as desigualdades nas seleções para empregos no descartar os idosos fizeram com que tivesse outra revelação do quão desvalorizados eles estão. De igual modo, existe àquilo que trata das suas capacidades básicas de sobrevivência adquiridas, ao longo da vida e as próprias condições ambientais, o trato familiar, pertinentes (COUTRIM, 2006).

Este tratamento recebido e dado pelos familiares ultrapassa a barreira do mercado de trabalho e resvala na família. Até porque “a transição para a vida adulta está sendo afetada pelas dificuldades no mercado de trabalho e nas relações afetivas” (CAMARANO, 2004, p. 592). Nessa situação, são desvalorizados e tidos como fonte de problemas. Logo, para o idoso, o sofrimento biopsicossocial o assombra e sua saúde fica debilitada. Como resultado, vai culminar na rescisão contratual no mercado de trabalho porque o pessoal junta-se ao profissional. Outra incidência importante é a carência de adequação às novas tecnologias e as doenças da própria idade já referidas (MONTE; MONTE; SANTIAGO, 2015).

Não bastando o nível de desvalorização da população, o transcorrer dos fatores econômicos, sociais, educacionais e o aparecimento das enfermidades e a questão da pouca capacidade de engajar-se no mercado de trabalho, é desafiador a convivência com o novo. Implica dizer que eles estão se esforçando para serem úteis, valorizados e importantes para a sociedade e até chamados de ‘velho’ diferente do termo ‘terceira idade’ ou ‘idoso’ (TRENTO, 2008). Em tal caso, “a ideologia social com visão desprestigiada da pessoa idosa – e suas consequências – acaba por colaborar para que ela própria acredite estar em uma fase inútil, julgando-se incapaz e improdutivo e aumentando, assim, a desesperança” (GOLDIN; MALDONADO, 2000; PESSOA, 2006 *apud* JUNIOR *et al.*, 2009, p. 431).

A despeito disso, existe uma “parcela expressiva de indivíduos que, apesar de serem considerados idosos, ainda está em pleno vigor físico, gozando de boa saúde está inserida no mercado de trabalho, mesmo aposentada, assumindo papéis não esperados, como o de suporte a outros membros da família, especialmente a filhos adultos” (CAMARANO, 2004, p. 71).

Alguns estudos sobre o idoso no processo mercadológico revelaram que fazer tanta força para não serem desvalorizados ainda é insuficiente, apesar dos familiares e do auxílio de

amigos. Uns lutam com mais afinco contra a desvalorização tentando adequar-se às novas formas de trabalho (principalmente, uso do computador); outros fazem de sua rotina residencial de murmúrio e lembrança, verbalmente ácida de preconceito, da desvalorização por ser idoso; outros interpretam como sendo oportunidade para serem mais aproveitados. Estes últimos, parcela menor. Portanto, diferentes ângulos destas pessoas que “sofreram mudanças ao longo dos anos. Assim, uma quantidade maior de idosos tem reagido às vicissitudes do envelhecimento vivenciando um estilo de vida participativo e integrado” (FERRIGO, 2006 *apud* DA SILVA; ROSA, 2012, p. 207; MONTE; MONTE; SANTIAGO, 2015; TRENTO, 2008).

Outra constatação foi revelada num extenso estudo sobre o idoso e o mercado de trabalho na cidade de Florianópolis, no Estado de Santa Catarina. A conclusão que sujeitos idosos estão aos poucos diante do desvalorizar. Isto é, ao se depararem com a realidade optam pela “centralidade do trabalho; [...] representam o envelhecimento pela perda da capacidade de trabalho” (TRENTO, 2008, p. 55). Configurando lacuna na vida do sujeito que está imerso na teia tecnológica veloz, complexa e incerta. Isso indica que quando desvalorizados não encontram meios de se reaver com seu emprego formal<sup>19</sup> ou informal na cadeia mercadológica.

Segundo Bueno (2016, p. 2) “para esta, as pessoas mais jovens são tidas como mais ágeis, produtivas, flexíveis e habituadas com as novas tecnologias, desvalorizando, assim, o idoso”. Sugere que relacionar que os idosos são pessoas vagarosas, improdutivas, resistentes e desabituaados ao novo mundo. Logo, posta para escanteio. Que o leitor entenda que desvalorização indica que o tempo de ação cessou para o idoso.

E conforme Ferreira *et al.* (2010 *apud* Villar e da Rosa, 2013, p. 293) “sobre o papel do idoso na sociedade revelam que o grupo está ligado a um perfil negativo, [...] uma pessoa incapaz e dependente”. Compreende-se com isso que o processo é de desvalorização nítida, uma vez que pressupõe que a pessoa do idoso é alguém que não contribuirá com os objetivos funcionais da mesma, depreciando-o e tirando este do seu quadro funcional.

E tendo que ver com a situação “pauta-se nesta estigmatização: as concorrências, as restrições de idade na admissão nos empregos das empresas ditam as normas do mercado e excluem a possibilidade de dar continuidade a uma vida produtiva”. Esta é “[...] para os que chegam à terceira idade, resultando na valorização do empregado proporcionalmente à sua

---

<sup>19</sup> Ainda conforme Trento (2008, p. 36) “os empregos formais têm apresentado certo crescimento, entretanto na faixa etária a qual se refere esta pesquisa houve redução nos postos de trabalho, apresentando um número maior de desligamentos do mercado de trabalho, além da drástica redução no número de contratações em relação às demais faixas etárias”.

juventude”. Como resultado “[...] o acúmulo de idade passa a representar risco e incapacidade para o trabalho, enquanto juventude equivale ao principal objetivo do recrutamento de um trabalhador” (ALBUQUERQUE, *et al*, 1999 *apud* DUARTE, 2008, p. 80).

Na prática, “tudo é muito desconhecido: os ícones, o mouse, a velocidade, dificuldade em ler na tela, o peso dos dedos sobre o teclado, a memória, a coordenação visomotora, e visão frágil para visualizar os ícones pequenos” (KACHAR, 2000 *apud* SILVEIRA, 2010, p. 5). Aqui, por mais que o idoso tente e faça de sua velhice algo positivo e ajustável, pesquisando formas de adaptar-se ao novo mundo, é cada vez maior às questões que fazem com que esta “parcela não-desprezível da população [...] tem dificuldades em ouvir, enxergar, subir escadas e lidar com as atividades básicas do cotidiano” (CAMARANO, 2004, p. 71).

Com estes aspectos é possível revelar quão delicada é a situação do idoso na realidade brasileira que trabalha na direção dos mais aptos, e controla os que entram e que saem do mercado focando a produtividade, não deixando tempo hábil para que os idosos tenham capacidade de ampliar suas forças. Com efeito, “quando se vive o primado da mercadoria sobre o homem e se tem na força de trabalho a valorização humana, o aumento da idade é acompanhado por desvalorização” (BASTOS; BORGESANDRADE; ZANELLI, 2004 *apud* JUNIOR *et al.*, 2009, p. 431).

Villar e Da Rosa (2013, p. 293) “a sociedade os classifica como pessoas limitadas pela velhice, independentemente de suas características particulares”. Trata-se, aparentemente, de um círculo vicioso que, ao invés de beneficiar a pessoa do idoso, só acarreta o preconceito e o estado emocional destes tornarem em doenças psicossomáticas de formas variadas. Logo, “estas tensões psicológicas de produtividade causam na pessoa [...] profunda tristeza, decorrente de sua exclusão social, pois são ignoradas as suas capacidades físicas e intelectuais, como a possibilidade de ser um multiplicador de conhecimento” (VILLAR; DA ROSA, 2013, p. 293).

### **A reinserção do idoso no mercado de trabalho: novas possibilidades**

Segundo Carrera-Fernandez e Menezes (2001, p.53), no Brasil “não existe nenhum impedimento legal para que o aposentado continue ou se insira outra vez no mercado de trabalho. Pelo contrário, esse comportamento é incentivado<sup>20</sup>”.

---

<sup>20</sup> “[...] uma vez que ao trabalhar o aposentado pode continuar contribuindo para a previdência, aumentando a receita do Estado e, assim, auxiliando na redução do déficit previdenciário” (CARRERA-FERNANDEZ; MENEZES, 2001).

Ainda assim, como lembrança de que, noutros tempos, a facilidade para encontrar, se posicionar no mercado de trabalho, o idoso passa por período de mudanças. Dentro destas destaca-se a possibilidade de reinserir-se no mercado. Por se tratar de mundo novo, novas tecnologias e concorrências, a figura do idoso é como preocupante, do ponto de vista, da velocidade do desempenho do seu trabalho, da incerteza. Na verdade, daquilo que ele poderá ofertar para a sociedade e da sua complexa rede de sintomas psicossociais, físicos que sugerem grandes empecilhos para sua garantia trabalhista para sobrevivência (CARRERA-FERNANDEZ; MENEZES, 2001; DA SILVA; ROSA, 2012; TRENTO, 2008).

Para Silva, Novais e Santos (2017, p. 165) “acredita-se que grande parte dos idosos terá no futuro que se reinserir no mercado de trabalho, tendo em vista as necessidades de subsistência e até mesmo as questões previdenciárias”. E conforme Sá *et al.*, (2010, p. 537), esta busca pela reinserção ditada pela escassez diante de inconsistências no fator prioritário do idoso é “um fenômeno recente e, por isso, tem sido pouco ou nada investigado e/ou priorizado pelos planejadores e gestores de políticas públicas”.

Antunes e Moré (2015) revelaram que a literatura sobre o assunto é bem pouca. Serve de alerta para que seja cada vez maior o número de idosos no país; aqueles que travam verdadeiras guerras dentro do domicílio ou os que vão parar dentro dos asilos, fazendo com que a qualidade de vida seja deixada de lado, apesar dos cuidados de acolhimento com estes quando eles chegam às unidades indicarem só os básicos (BRACIALI, 2009; SILVA; NOVAIS; SANTOS, 2017).

Para Haddad (1993 *apud* Trento, 2008, p. 35) “reinsistir o velho na sociedade aparece como objetivo último [...] para esta gente o velho está fora da sociedade; [...] fora do mercado de trabalho”. Velho, é diferente de idoso. O termo aqui é para ilustrar que o idoso trava luta com o preconceito, perante sua frágil saúde, apesar de inúmeras contribuições em experiência de vida. Sugere ser uma luta unilateral porque os jovens não têm paciência para travar conversas com eles – visto que os cargos de gestão no mercado de trabalho são ocupados por jovens entre 25 e 35 anos (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Em extensão, a empregabilidade do idoso é pequena, por escolherem os mais jovens para o trabalho (MONTE; MONTE, SANTIAGO, 2015).

Apesar disso, alguns autores têm a ideia de que esta reinserção está ligada às questões de políticas psicossociais conectadas à terceira idade. Para tanto, a efetivação só ganha força se houver uma repaginada em políticas que tratam desta população. Embora, se reconheceu pouco olhar organizacional mercadológico ao idoso. Porém, tende a inflar por causa do aumento de idosos no Brasil, nos últimos 20 (vinte) anos. A configuração é de que hoje se mostra como

sendo de enorme prestígio na direção do consumo, ser usuário e não participante direto na economia (SÁ *et al.*, 2010; SILVA; NOVAIS; SANTOS, 2017).

Mesmo assim, as possibilidades são tamanhas que “contrariamente aos estereótipos relativos à velhice, os trabalhadores de mais idade são muitas vezes mais produtivos que os mais jovens. Embora possam trabalhar mais lentamente que estes, são mais cuidadosos<sup>21</sup>” (CZAJA; SHARIT, 1998; SALTHOUSE; MAURER, 1996; TREAS, 1995 *apud* PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 616). De fato, “os idosos buscam cada vez mais, permanecerem ativos por mais tempo” (GONÇALVES, 2015, p. 62). Efetivamente é uma força que insiste, apesar da desvalorização, de participarem do mercado de trabalho. Até porque são pessoas militantes, ou seja, acostumadas a lida braçal, forçada, acordando antes do cantar do galo e isso ficou institucionalizado para ele em nível cerebral. Logo, deixou essa marca em sua história de vida porque o prego da responsabilidade, da utilidade e da proteção para com os seus dependentes, fincou de uma vez na vida deles (LIMA; DELGADO, 2010).

Salienta-se conforme Marin (2000 *apud* Sá *et al.*, 2010, p. 537) que, “dependendo da organização do processo laboral, o trabalho poderá representar risco à saúde e ser causa de doenças profissionais e/ou agravar um estado de saúde deficiente, de origem extraprofissional”. Aqui, não basta escolher o trabalho, vai além; são fatores delicados que definirão o trabalho e a qualidade deste na figura do idoso (SILVA; NOVAIS; SANTOS, 2017). Por consequência, ver as motivações e responsabilidades que fizeram com que algumas pessoas idosas fossem reinseridas no mercado de trabalho representa diferencial. São pessoas que precisam se ocupar; primeiramente, para sobreviver; depois, lazer.

Então, “a reintegração do idoso no mercado de trabalho ocupa o tempo livre, levando o idoso a requerer uma preocupação em se tornar útil as suas atividades profissionais” (SILVA; NOVAIS; SANTOS, 2017, p. 165). E na realidade brasileira<sup>22</sup>, é necessário que estas informações, por meio das políticas públicas, disseminem para que, sobre os idosos, empresários, tomem conhecimento e se ajustem.

E falar de políticas públicas é importante, contudo atemo-nos só para a questão de que as sociais “estimularia o reconhecimento e aproveitamento das experiências e habilidades dos idosos, contribuindo para uma transferência harmônica entre as gerações” (VILLAR; DA ROSA, 2013, p. 289). Nisso, homens encontram maior facilidade para reinserir-se. Mas, um

---

<sup>21</sup> “um dos fatores-chave pode ser a experiência mais do que a idade: talvez os idosos tenham melhor desempenho porque tiveram um emprego ou fizeram um trabalho semelhante por tempo mais longo” (CLEVELAND; LIM, 2007 *apud* PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 616).

<sup>22</sup> “o idoso reinserido é ‘jovem’, com idade entre 60 e 69 anos, branco, sendo a pessoa de referência e residente na região Sudeste” (GONÇALVES, 2015, p. 62).

estudo revelou que, nos últimos 15 (quinze) anos, o número diferenciado para com as mulheres aproximou-se igualdade, na inserção e/ou reinserção (GONÇALVES, 2012).

Vale ressaltar que este idoso antes empregado, depois desempregado, “após vivenciarem um período de descanso laborativo [...] retornam ao mercado de trabalho, esbanjando conhecimentos, capacitação e respeito as suas metas e objetivos delimitados pela organização a quem prestam serviços”. Sugerindo que o idoso têm características de proatividade, destaques individuais fazendo cursos, se aprimorando, pois sabem que precisam de algo que sustentem; depois, alguma atividade que o mantenha engajado (SILVA; MOVA; SANTOS, 2017, p. 172).

Nessa condição, quando se tenta reinserir o idoso no mercado de trabalho, antes de qualquer ação prática é importante verificar as possibilidades trazidas diante do achado acima, pois se trata de alguém que já trabalhou bastante e precisa de ajustes em todas as áreas supracitadas oriundas do seu envelhecimento que é processo natural da vida (JUNIOR *et al.*, 2009). O importante é que, comprovações variadas em estudo realizado por Villar e Da Rosa (2013) trouxeram à tona que dentro da reinserção do idoso, novamente no mercado de trabalho, “a falta de impedimento legal para os aposentados continuarem trabalhando facilita a reinserção do idoso no mercado de trabalho formal” (VILLAR; DA ROSA, 2013, p. 302). Nele, o que fez com que os idosos fossem apresentados a possibilidade como: “a baixa disponibilidade de mão de obra para o ramo de supermercados, pois a necessidade de contratação reduziu a exigência do processo de seleção da empresa” (VILLAR; DA ROSA, 2013, p. 302).

E Silva, Novais e Santos (2017) descobriram as razões para a reinserção da pessoa do idoso no mercado de trabalho. Trouxe contribuição para com a família, em termos financeiros, como uma das razões importantes. A falta de dinheiro para esta classe foi a maior razão de seu retorno, de sua reinserção, isto é, 42%. Ainda, o sentimento de sentir-se útil ao mercado de trabalho, de ser valorizado e ser importante, somou 14 %, na pesquisa. Aconteceu que, por causa do vigor que representou a própria declaração dos entrevistados, a fuga da depressão, bem como da solidão, esteve presente, como grandes impulsionadores de tais intentos, nesta população<sup>23</sup>. O que é claro é que esta revelação veio de encontro a uma grande questão quando se trata de reinserir-se no mercado de trabalho, ou seja, a dificuldade para recolocar-se (SILVA; NOVAIS; SANTOS, 2017).

---

<sup>23</sup> Com um destaque especial à figura da mulher. Gonçalves (2015, p. 62, grifo nosso), ao concluir seu estudo sobre a reinserção do idoso no mercado de trabalho, destacou que “o número de mulheres reinseridas está aumentando e, talvez, em decorrência as sua **maior escolaridade e qualificação profissional**, as diferenças de rendimentos para este segmento não existem”.

Entretanto, “[...] as habilidades e competências dos idosos em relação à qualificação, experiência, responsabilidade e comprometimento em comparação ao jovem atuante no setor” (VILLAR; DA ROSA, 2013, p. 304). Este é um diferencial bem valorizado nas empresas, pois se trata de situações bem práticas que ajuda o crescimento da empresa e a valorização da cultura. Tal processo reduz as chances de a população idosa desenvolver problemas emocionais, mas, é grande desafio para contribuir ante as novas possibilidades de emprego.

Depois disso, outra possibilidade recentemente notada para esta constante reinserção do idoso, foi revelado por Gonçalves (2015). Nela, foram atribuídas às questões de “aumento da longevidade; pela melhor qualidade de vida proporcionada pelo desenvolvimento da medicina e do acesso a informação; pela necessidade financeira própria ou para ajudar parentes, como filhos e netos; dentre outros” (GONÇALVES, 2015, p. 62). O sentimento de utilidade reduziu o risco de depressão e ansiedade neles porque estavam ajudando outras pessoas e sendo úteis mesmo.

Buscando o bem-estar, o idoso tem chances reais de ter aumento da qualidade de vida e de autonomia. Eles querem voltar ao mercado, pois acreditam que o desafio, pela frente os mantém saudáveis; vão desempenhar melhor suas funções e terão mais qualidade no trabalhar. Também, a relação interpessoal funciona como motivador, para que as possibilidades de empregabilidade entre eles e o mercado de trabalho, seja motivo de facilitação e, não de entrave, conforme a pesquisa (VILLAR; DA ROSA, 2013).

Numa visão nacional, na questão de sua participação concreta, os autores Camarano (2001) e Wajnman *et al.* (2004) tem proeminência no estudo do idoso. Até porque a questão da educação é de suma importância. Indica que o processo de transformação que o idoso pode ser objeto é social e positivamente relevante, bem pertinente porque sua experiência sensorial, emocional, de vivência mesmo faz com que sejam enaltecidas suas qualidades (JUNIOR *et al.*, 2009).

Quando reinseridos no mercado de trabalho, os idosos que escolhem trabalharem por conta própria (ou seja, 44 %) são maioria, se comparados aos que, ao se reingressarem fazem parte por outras frentes de trabalho. É uma possibilidade de inserção bem válida nos dias de hoje, considerando a fonte de renda e a questão da escolha de horários de trabalho, igualmente válidas (GONÇALVES, 2015). Em adição, destaca-se que precisando apenas uma adequação porque força de vontade existe. Por esse motivo, relevar questões de velocidade é pertinente, pois cada um tem seu tempo, à seu tempo (COUTRIM, 2006).

E conforme Filho (2004, p. 85), “haverá sempre vários tipos de trabalhadores idosos, com competências diferentes, todos inseridos no mercado, com suas múltiplas facetas e

características”. Necessitando, desta forma, tão somente um refinar de suas habilidades, desde que sejam acatadas as possibilidades supracitadas, para sua inserção, neste mercado veloz, incerto e bem complexo, que é o do século XXI, tendo como cuidado redobrado as possíveis influências na saúde psicológica destes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo teve como tema “a desvalorização do idoso frente ao mercado de trabalho”. Para direcionar a pesquisa foi proposta a seguinte questão problemática: a desvalorização do idoso frente ao mercado de trabalho pode causar problemas emocionais? Como resposta provisória do problema de pesquisa foi apontada a hipótese de que se o idoso for valorizado, sentir-se útil e importante, a incidência de problemas emocionais reduz e, ao mesmo tempo, aumenta a qualidade de vida dele porque no objetivo reflexivo desta temática a desvalorização acontece dentro do ambiente familiar, em primeiro lugar, pois muitos vão parar nos asilos; em segundo, eles são dispensados de suas funções dado que não são mais velozes no acompanhar da tecnologia; terceiro, quando querem retornar para o mercado de trabalho estão diante duma realidade diferente que precisa adaptação; e também já que é um sistema, ou seja, a pessoa, o mercado de trabalho e a família – um todo.

Considera-se que a naturalidade do processo de envelhecimento não é tão valorizada pelo mercado de trabalho atual por causa das tecnologias modernas de relacionamentos, da insensibilidade dos familiares e dos fatores de saúde que credenciam a desvalorização destes. Se bem que o aumento da expectativa de vida, das leis que protegem o idoso indica pouco avanço na compreensão deste mundo novo que o ser humano alcança que é a terceira idade. Igualmente, a falta de oportunidade para reinserir o idoso neste mercado sugere aparecimento futuro de problemas de ansiedade, depressão, tristeza, solidão e doenças psicossomáticas como dores de cabeça, pressão alta, diabetes, dentre outras; além disso, o Mal de Alzheimer, o Mal de Parkinson que são enfermidades que indicam desvalorização da capacidade do sujeito em se engajar em tarefas, em virtude de representar atraso para o mercado de trabalho e por isso aqueles de cognitivo melhor são escolhidos, principalmente os mais jovens e saudáveis.

Na prática, se o idoso tiver chance de mostrar o seu trabalho, tendo paciência com eles, os problemas emocionais de sofrimento (sensação de inutilidade, baixa autoestima, rejeição, angústia, medo, etc.), nesse meio tempo, diminuem bastante visto que muitos idosos são proativos e bem espertos em função de sua experiência de vida mostrando saúde, segurança e bem-estar apesar de suas limitações físicas, psíquicas e sociais, próprias da idade.

O principal objetivo deste artigo foi refletir sobre a desvalorização do idoso frente ao mercado de trabalho tendo como pano de fundo a prática do estágio no Asilo Vicentino na cidade de Lages. Por isso, considera-se ainda que a atuação da psicologia do envelhecimento / do idoso passa pela reflexão do antes, do agora e do depois da figura do idoso, pois este tem em seu histórico grandes histórias que, se conhecidas, beneficia tanto quem está ouvindo como o próprio idoso, já que sua fala alivia dores emocionais acumuladas em virtude de muitas perdas, retrocessos e desvalorizações por parte da família, da sociedade e do mercado de trabalho. E nesse sentido, o fazer do profissional da psicologia atenua bastante de forma preventiva as dores emocionais vindas de dentro do idoso – talvez por isso seja bem pertinente que ressignificar seja o ponto onde tudo pode ser recomeçado, do zero.

Por isso mesmo, o conviver, o relacionar, o aprender e o acolher constituem práticas que reduzem a desvalorização do idoso e aumenta sua inserção, importância e valorização dentro do mercado de trabalho e direção à consciência de que eles podem ser percebidos de maneira mais proveitosa, enquanto sujeito de emoções expressivas.

Por meio deste trabalho, foi possível evidenciar reflexivamente as significativas ocorrências da desvalorização. Ficando comprovado que a relação do idoso e o mercado de trabalho tem um impacto de forma forte na vida do idoso, podendo tanto transformar de maneira positiva ou depreciar ainda mais se não houver acolhimento, ressignificação e paciência por parte de quem entra em contato com o idoso. Assim, percebeu-se que o idoso sente necessidade deste contato e apesar de que, num primeiro momento ser lento; num segundo, querem melhorar sua rotina de vida, se oportunizado.

Portanto, em resposta aos questionamentos deste artigo, que durante o processo de elaboração foram muitos, foi comprovado que conhecer e depois ressignificar os eventos que o depreciam, desvalorizam dentro deste mercado, ajuda o idoso a ser mais valorizado, útil e importante para a sociedade como um todo, e promove benefícios mútuos. Conclui-se ao final deste que a oportunidade, a paciência, a constante divulgação desta temática no âmbito acadêmico e da comunidade por meio da confecção de iniciativas científicas, pesquisas bibliográficas tornam esse tipo de reflexão bem mais conhecida, proporcionando respeito para com o idoso, figura importante para a humanidade porque eles vieram antes de nós para este mundo.

## **REFERÊNCIAS**

ALVES, R. F. *et al.* (org.). Psicologia da saúde: teoria, intervenção e pesquisa. [obra online], Campina Grande: **EDUEPB**, 2011. 345 p. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/z7ytj/pdf/alves-9788578791926.pdf> Acesso em: 12/ago/2018.

ANTUNES, M. H. C; MORÉA, L. O. O. Aposentadoria, saúde do idoso e saúde do trabalhador: Revisão integrativa da produção brasileira. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, 16(3), jul-set 2016, pp. 248-258. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v16n3/v16n3a04.pdf> Acesso em: 16/set/2018.

BENTES, A. C. de O.; PEDROSO, J. da S.; MACIEL, A. O idoso nas instituições de longa permanência: uma revisão bibliográfica. **Aletheia** 38-39, p.196-205, maio/dez. 2012. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942012000200016](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942012000200016) Acesso em: 15/out/2018.

BRACIALI, M. C. L. A reverência que devemos aos nossos ancestrais: o papel do idoso na família e na sociedade. **Revista Investigação**. v. 9 | n. 1 | p. 25-32 | JAN./ ABR. 2009. Disponível em: <http://publicacoes.unifran.br/index.php/investigacao/article/view/35> Acesso em: 13/set/2018.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Envelhecimento e saúde da pessoa idosa**. Brasília, 2007. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/abcd19.pdf> Acesso em: 23/set/2018.

BUENO, P. C. A. A terceira idade e o mercado de trabalho: uma revisão sistemática da bibliografia. **(trabalho de conclusão de curso)** – Centro Universitário de Brasília Instituto (CEUB) de Pesquisa e Desenvolvimento – (ICPD), Brasília, 2016. Disponível em: <http://repositorio.uniceub.br/bitstream/235/8010/1/51305429.pdf> Acesso em: 15/out/2018.

CALIXTRE, A. B.; BIANCARELLI, A. M.; CINTRA, M. A. M. **Presente e futuro do desenvolvimento brasileiro**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2014. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/150605\\_livro\\_presente\\_futuro.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/150605_livro_presente_futuro.pdf) Acesso em: 30/out/2018.

CAMARANO, A. A. **Os Novos Idosos Brasileiros: Muito Além dos 60**. Rio de Janeiro: IPEA, 2004. Disponível em:

<[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5476](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=5476)>

Acesso em: 25/out/2018.

CARRERA-FERNANDEZ, J; MENEZES, W. F. O Idoso no Mercado de Trabalho: Uma Análise a Partir da Região Metropolitana de Salvador. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 32, n. 1 p.52-67, Jan. – Mar. 2001. Disponível em:

<[https://www.bnb.gov.br/projwebren/Exec/artigoRenPDF.aspx?cd\\_artigo\\_ren=253](https://www.bnb.gov.br/projwebren/Exec/artigoRenPDF.aspx?cd_artigo_ren=253)> Acesso

em: 26/set/2018.

COUtrim, R. M. da E. Idosos trabalhadores: perdas e ganhos nas relações intergeracionais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n. 2, p. 367-390, maio/ago. 2006. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/se/v21n2/a04v21n2.pdf>> Acesso em: 05/nov/2018.

DA SILVA, N. N. L.; XAVIER, M. P. A terceira idade como foco das propagandas midiáticas de consumo. **Psic. Rev.** São Paulo, volume 21, n.2, 203-215, 2012. Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/viewFile/15134/11299>> Acesso em:

01/nov/2018.

DÁTILO, G. M. P. de A.; CORDEIRO, A. P. (orgs.). **Envelhecimento humano: diferentes olhares**. [obra online] – Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

296 p. Disponível em: <[https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/envelhecimento-humano\\_ebook.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/envelhecimento-humano_ebook.pdf)> Acesso em: 03/nov/2018.

DUARTE, L. F. Um serviço de atenção psicológica à terceira idade: à procura da demanda. **(dissertação de mestrado)** – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2008. Disponível em:

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-13072009-144204/en.php>>

Acesso em: 30/out/2018.

GONÇALVES, C. A. As condições de reinserção de idosos no mercado de trabalho no Brasil sob uma perspectiva de gênero. **(dissertação de mestrado)** – UFV – MG, 2015. Disponível em:

<<http://www.locus.ufv.br/bitstream/handle/123456789/6763/texto%20completo.pdf?sequence=1>> Acesso em: 28/out/2018.

JÚNIOR, E. G; MERGULHÃO, L. R; CANÊO, L. C.; NAJM, M. B.; LUNARDELLI, M. C. F. Considerações sobre a terceira idade e o mercado de trabalho: questionamentos e possibilidades. **RBCEH - Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, v. 6, n. 3, p. 429-437, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/250/824>> Acesso em: 15/set/2018.

LIMA, A. P. de; DELGADO, E. I. A melhor idade do Brasil: aspectos biopsicossociais decorrentes do processo de envelhecimento. **Ulbra e Movimento – Revista de Educação Física**, Ji-Paraná, v.1 n.2 p76-91., set./out. 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/actabrasileira/article/viewFile/3063/2253>> Acesso em: 24/set/2018.

MARCONI, M. de A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª Ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

MENDES, K. D. S; SILVEIRA, R. C. de C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão Integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto Contexto Enfermagem**. Florianópolis, v.17, n. 04, p. 758-64 Out/Dez 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-07072008000400018](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000400018)>. Acesso em: 11/out/2018.

MONTE, N. L. do; MONTE, Y. L. do; SANTIAGO, M. de A. Desafios do processo de inclusão dos idosos frente às tecnologias de informação: um estudo reflexivo. **Anais CIEH** (2015) – Vol. 2, N.1 ISSN 2318-0854. Disponível em: <[http://www.editorarealize.com.br/revistas/cieh/trabalhos/TRABALHO\\_EV040\\_MD2\\_SA13\\_ID1850\\_27072015182325.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/cieh/trabalhos/TRABALHO_EV040_MD2_SA13_ID1850_27072015182325.pdf)> Acesso em: 15/set/2018.

PAPALIA, D. E; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 12ª ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

ROSA, S. S. da. O perfil do idoso no mercado de trabalho brasileiro: análise das PNADS 2002 e 2012. **(trabalho de conclusão de curso)** – (FURG). Disponível em:<<http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/6195/Samanda%20Silva%20da%20Rosa.pdf?sequence=1>> Acesso em: 26/set/2018.

SÁ, C. M. da S; SOUZA, N. V. D. de O.; CALDAS, C. P.; LISBOA, M. T. L.; TAVARES, K. F. A. O idoso no mundo do trabalho: configurações atuais. **Cogitare Enfermagem**, 2011, Jul/Set; 16(3): 536-42. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/19517/16296>> Acesso em: 16/out/2018.

SAINTRAIN, M. V. de L; GONDIM A. P. S.; SILVA, V. T. B. L. da, (Orgs.). **O Sistema Único de Saúde cuidando da pessoa idosa**. [obra online], Editora da Universidade Estadual do Ceará – (EdUECE), Fortaleza, 2014. Disponível em: <[http://www.uece.br/eduece/dmdocuments/O\\_SISTEMA\\_%C3%9ANICO\\_DE\\_SA%C3%9ADE\\_CUIDANDO\\_DA\\_PESSOA\\_IDOSA.pdf](http://www.uece.br/eduece/dmdocuments/O_SISTEMA_%C3%9ANICO_DE_SA%C3%9ADE_CUIDANDO_DA_PESSOA_IDOSA.pdf)> Acesso em: 03/nov/2018.

SILVA, C. M. da; NOVAIS, M. S. S; SANTOS, A. L. B. dos. A reinserção do idoso no mercado de trabalho. **Revista Humanidades & Inovação**, [S.l.], v. 4, n. 2, june, 2017. ISSN 2358-8322. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/368>>. Acesso em: 27/out/2018.

SILVEIRA, M. M. da; *et al.* Educação e inclusão digital para idosos. **Novas Tecnologias na Educação**. V. 8 Nº 2, julho, 2010. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/renote/article/viewFile/15210/9523%3E>> Acesso em: 08/out/2018.

TRENTO, G. Idosos e mercado de trabalho: um estudo sobre os idosos aposentados que continuam trabalhando formalmente no comércio do centro de Florianópolis. (**trabalho de conclusão de curso**) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2008. Disponível em: <<http://tcc.bu.ufsc.br/Ssocial285320.pdf>> Acesso em: 29/out/2018.

VILLAR, K. M.; DA ROSA, R. L. O processo de inserção do idoso no mercado de trabalho em São José dos Pinhais/PR. **Programa de Apoio à Iniciação Científica – (PAIC), 2012-2013**. Disponível em: <<https://cadernopaic.fae.edu/cadernopaic/article/viewFile/20/19>> Acesso em: 13/out/2018.